REPÓRTER DA TERRA

ANO I | Nº 1 | JANEIRO DE 2005

"A Reforma Agrária muda as nossas vidas"

3 *Pernambuco: conquista da terra e a lavoura da mandioca*

4 *Ceará: da seca a um verde viveiro de caju anão*

6 *São Paulo: Planejamento do solo é exemplo em Ribeirão Preto*

8 *Rio Grande do Norte: casas são construídas em autogestão*

REPÓRTER DA TERRA

Notícias da vida dos trabalhadores

Reportagens sobre assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra

Você já viu muitas reportagens sobre a vida rural. Mostram enormes plantações de soja, trigo ou milho. Mas não mostram gente. Nelas, não encontramos a presença humana. Ou trazem camponeses vivendo na pobreza, na miséria mais absoluta. Nos dois casos, não transmitem a idéia de como poderia ser bonito e bom viver no campo.

Essas reportagens não dizem que posto de saúde, médico, dentista, escola e merenda, transporte proporcionariam boa qualidade de vida para os que vivem no campo. Se tudo isso existisse, haveria menos gente embarcando em ônibus e caminhões com suas esperanças de uma vida melhor na cidade grande.

Esperanças que, na maioria das vezes, se chocam com as duras paredes da falta de emprego, de baixos salários e com moradias em favelas.

O ***Repórter da Terra*** quer conversar com você sobre esses e outros assuntos. Nossa certeza é essa: é possível ser feliz em assentamentos bem estruturados.

ROGÉRIO ALMEIDA

Turma do MST em sala de aula na UFPA

Nossos personagens são as mulheres, os homens e as crianças que constroem, dia após dia, valores, relações de cooperação e constroem a outra face do País, desconhecida pela maioria do povo brasileiro.

O ***Repórter da Terra*** conversa com você sobre a necessidade de se fazer a Reforma Agrária no Brasil e quer fazer isso sob o ponto de vista do trabalhador. Queremos proporcionar o diálogo entre você e a mulher e o homem que conquistou o seu pedaço de chão ou que luta para conquistá-lo.

Histórias da produção de vida

O ***Repórter da Terra*** é uma ferramenta para mostrar as possibilidades inventadas pelo povo trabalhador. Tem como objetivo publicar reportagens que mostrem a capacidade popular de resistir, produzir, inventar e contestar. Fatos que devem ser notícias. Esse é o papel do ***Repórter da Terra.*** Não se dobrar ao pensamento único com seu discurso da impossibilidade de novos caminhos. O velho caminho mantém a desigualdade, a pobreza, as guerras, a opressão, as epidemias que castigam principalmente os mais pobres e desprotegidos.

Uma ferramenta para mostrar as possibilidades inventadas pelo povo trabalhador.

O ***Repórter da Terra*** é resultado da trajetória do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC) com sua experiência e sua rede nacional de jornalistas comprometidos com a comunicação.

Ensaios para a Reforma Agrária

Este número inaugura uma série de reportagens sobre assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra. Gente que sabe tirar leite de pedra, seiva da madeira, frutos da mata, vinho dos cachos, mel das colméias e flores até do chão mais duro e seco. São lutadores e lutadores embarcados na aventura de produzir vida. Isto é o que têm em comum. Produzem vida quando plantam, colhem, criam, ordenham, coletam, rezam, pensam, festejam, aprendem, ensinam, bebem, comem e se alegram.

Os pequenos agricultores produzem 58% de toda a carne de porco do País. No setor de leite, são responsáveis por 56%. E na criação de aves, por 51%. A efetivação da Reforma Agrária multiplicará tudo isso por centenas de vezes.

O ***Repórter da Terra*** quer ajudar nesse e outros esforços para o desenvolvimento justo e sustentável do Brasil. Afinal, as alternativas populares estão em todo lugar. No campo, na cidade, na América Latina, na África, na resistência popular européia, asiática ou norte-americana. Elas precisam se tornar mais conhecidas.

OPINIÃO

Resultados da Reforma Agrária

Assentar famílias que buscam na terra tudo aquilo que necessitam para viver, gerando renda, trabalho e melhores condições de vida. É isto que a reforma agrária propõe.

ISAIAS BEZERRA DE ARAÚJO

O debate sobre a necessidade e a importância política e econômica da Reforma Agrária para o país ainda está longe de envolver todas as camadas da população brasileira.

Os trabalhadores e trabalhadoras rurais que participaram do Programa Nacional de Formação, desenvolvido em parceria pelo CERIS, INCRA e MST, afirmam que sua vida melhorou depois que se integram no processo de Reforma Agrária. O índice de melhoria de vida tem ampliado com a obtenção do título da terra. Para eles, o título da terra por si não tem o poder de garantir a melhoria de vida dos camponeses. Afirmam que a participação nos movimentos sociais de luta pela terra é a responsável primeira por tal melhoria. Explicam que o companheirismo e a ampliação de suas relações sociais incidem diretamente na sua auto-estima. Resgata sua identidade camponesa. Fortalece sua cultura, sua visão de mundo e lhe devolve sua dignidade.

Para os assentados a alimentação é a melhoria mais expressiva. Já não passam fome.

Para os que já foram assentados ou já estão produzindo em suas terras, a alimentação é a melhoria mais expressiva. Já não passam fome. O aumento da produção e o aumento da renda são decorrências. Todos afirmam que a participação de homens, mulheres e crianças nas decisões familiares e comunitárias é a coisa mais importante tanto que 90% dos entrevistados participam de alguma atividade coletiva no assentamento. A reforma agrária para dar certo precisa resgatar a cultura de solidariedade típicas da cultura rural brasileira.

Metodologia de monitoramento

Esses dados são extraídos da *Metodologia de Monitoramento* do Programa Nacional de Formação nas Áreas de Reforma Agrária. Foram ouvidos cerca de 25 mil trabalhadores e trabalhadoras rurais em 23 unidades da federação, no período de setembro a dezembro de 2004.

Um monitoramento que se limite ao caráter de fiscalização se perde em si mesmo. Monitorar é colher informações técnicas para subsidiar decisões políticas, seja para alterar metas, estratégias, seja para rever a pertinência histórica da própria ação em curso. As informações obtidas devem estar acessíveis a todos os atores envolvidos no processo, sobretudo aos próprios beneficiários do programa e a suas organizações.

O monitoramento, que está em curso, entende que a realidade é multifacetada, dinâmica e se constitui num espaço onde atores, interesses, competências e circunstâncias se interagem simultaneamente. Não admite uma visão linear e causal para a demonstração de resultados da ação de quem quer que seja.

Informações à sociedade

Ele oferecerá, nos próximos meses, um panorama narrativo detalhado sobre a situação atual dos Assentamentos de Reforma Agrária nos 23 estados do programa, com o levantamento das principais fontes de insatisfação dos beneficiados. Oferecerá também, recomendações específicas nas áreas técnicas e de políticas publicas referentes à consolidação dos assentamentos de reforma agrária, sua sustentabilidade, inclusão social e aumento da satisfação e da melhoria das condições de vida das famílias beneficiadas.

Oferecer informações à sociedade é outro compromisso desta metodologia. Prestar contas, possibilitar o controle social, fomentar o debate acerca do programa em execução. Enfim, entendo que o monitoramento se integra aos programas avaliados para permitir que os próprios executores e beneficiados produzam conhecimento e, pouco a pouco, se constituam especialistas naquilo que fazem. Para os consultores externos espera-se que tragam o conhecimento acumulado na história da humanidade para dialogar com o conhecimento que vai sendo produzido por esses novos atores históricos.

Especialistas e Projetos Sócias, coordenador técnico do CERIS e Jornalista

REPÓRTER DA TERRA - *Rua Júlio Otoni, 571, Santa Teresa (RJ), CEP. 20.250-040 - http://www.ceris.org.br / ceris@ceris.org.br*
Coordenação Editoral: **Núcleo Piratininga de Comunicação** | *Edição:* **Claudia Santiago** *(Mtb.14.915-RJ)* / **Isaías B. de Araújo** *(Mtb. 25.546-RJ)* | *Projeto Gráfico:* **Núcleo Piratininga de Comunicação e Estúdio Metara** | *Programação Visual e Produção Gráfica:* **Estúdio Metara** | *Com a participação de:* **Clarissa Ramos (RJ), Kátia Marko (RS), León Diniz (RJ), Najla Passos (MT), Reginaldo Moraes (SP), Rosângela Gil (SP), Sérgio Domingues (SP), Tânia Jandira (RJ) e Vito Giannotti (RJ)** | *Reportagens:* **Adriana Santiago (CE), Cida Gomes (RN), Laudenice Oliveira (PE), Marcia Costa (SP) e Mário Camargo (PR)** | *Fotos da logomarca marca do Programa Nacional de Formação nas Áreas de Reorma Agrária: Douglas Mansur* | *Impressão e fotolitos:* **Folha Dirigida**

jornal ceris-incra janeiro.pmd 2 21/1/2005, 18:35

Vencer o medo para se encontrar com a vida

Trabalhadores da Zona da Mata de Pernambuco conquistam terra e conseguem viver da produção de lavoura branca

FOTOS LAUDENICE OLIVEIRA

POR LAUDENICE OLIVEIRA

O assentamento recebeu o nome do messiânico e grande homem lutador, Antônio Conselheiro. A comunidade local, entretanto, conhece-o por São Gregório, antigo nome de quando era engenho da Usina Estreliana. Fica na margem da BR 101 Sul, no município de Gameleira, Zona da Mata Sul de Pernambuco, a 99 km do Recife. São 114 famílias em 1.118 hectares. A terra sonhada e conquistada, a morada para criar os filhos e receber parentes e amigos, um lugar para produzir alimento, cidadania, vida.

Muitos já vivem da produção de sua parcela de terra e não precisam se submeter ao trabalho escravizador que é o do corte da cana. "Eu comecei a trabalhar na cana aos oito anos de idade. Perdi minha mocidade todinha na cana. Sofri muito! Hoje minha vida mudou 100%", afirma seu Jorge Oliveira da Silva, 45 anos, presidente da Associação dos Assentados dos Engenhos São Gregório, Alegre I e II.

Seu Jorge conta que tentou sair do corte de cana várias vezes. Chegou a ir para São Paulo três vezes. Trabalhou na construção civil e a última vez que trabalhou para usineiro foi aplicando veneno nas plantações. Criou coragem para entrar ao MST e lutar por um pedacinho de terra ao ver a experiência dos trabalhadores do município vizinho – Ribeirão – que tinham conquistado o engenho Serrinha. "Eu achei aquilo muito bonito. A gente sempre tinha muito medo. Não tinha coragem nem de falar. Chamava eles (donos de engenhos e empregados superiores) de doutor, por medo", lembra seu Jorge.

Ele afirma que hoje toda a despesa da família é tirada da sua terra. Casado e pai de um casal de filhos, seu Jorge não cansa de dizer o quanto a sua vida mudou. "Não tem comparação. Antes era difícil até o de comer. Hoje minha filha já tá casada, o rapaz cuida da roça comigo". Seu Jorge optou por trabalhar com o plantio de mandioca. Em apenas dois hectares ele mantém a família e ainda guarda uns trocadinhos no banco. "A gente tem que se prevenir para uma doença, uma necessidade, num é?!", explica.

Trabalhadora cuidando da plantação

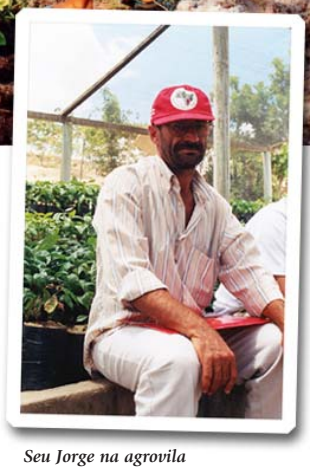
A gente sempre tinha muito medo. Não tinha coragem nem de falar. Chamava eles de doutor, por medo.

O campo e a cidade em Sintonia

A roça de mandioca do seu Jorge Oliveira garante-lhe a sobrevivência de forma tranqüila. Garante também, a sobrevivência de algumas pessoas que vivem da informalidade no município vizinho, Ribeirão. É que da mandioca ele produz massa, goma e farinha. A massa e a goma ele já tem entrega garantida para as vendedoras de tapioca e pé-de-moleque. Os produtos são levados para a feira livre de Ribeirão às sextas e sábados.

A produção semanal de seu Jorge fica entre 80 e 100 Kg de farinha. Cada quilo é vendido por um real. Da massa de mandioca ele apura cerca de R$ 60,00 por semana, já da goma, que é mais cara, ele apura cerca de R$ 120,00. "Na semana que os aposentados recebem, o lucro é maior. Agora mesmo, nas festas de final de ano, o apurado da goma ficou em torno de R$ 180,00 e R$ 200,00", contabiliza ele.

Unindo produção agrícola e comercialização, sem o atravessador, seu Jorge garante vida melhor para ele e a família. "Hoje, se chegarem dez pessoas na minha casa eu tenho almoço para dá. Já comprei geladeira nova, duas televisões, parabólica, fogão. Troquei os móveis da minha casa. Construí a casa de farinha. Tudo isso com o dinheiro que tiro da minha roça, da minha terra", finaliza orgulhoso.



Seu Jorge na agrovila

Produção de sementes orgânicas é novidade

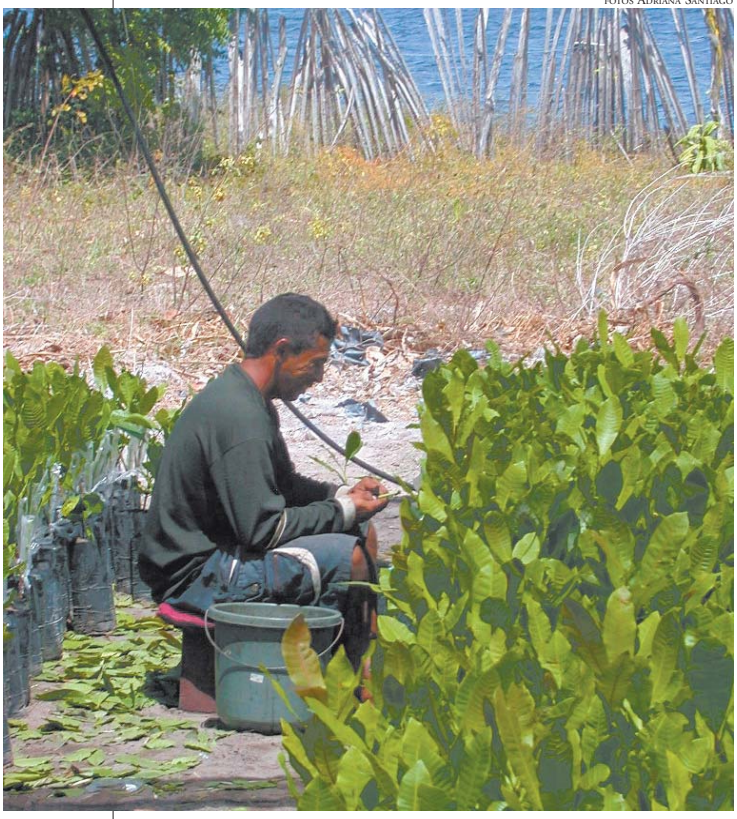
Viveiro de sementes: uma nova experiência no Assentamento São Gregório.

Uma nova experiência começa a ser implantada no Assentamento São Gregório: um viveiro de mudas, também chamado de sementeira. O viveiro é coletivo. A partir dele poderão ser comercializadas várias espécies de mudas e em grande escala. Toda a produção é orgânica. Ou seja: não são cultivadas com fertilizantes ou produtos químicos. "A gente tinha muita dificuldade para conseguir mudas para os assentamentos", explica o técnico responsável pelo viveiro, Paulo Sérgio dos Santos. "Agora, vamos poder atender à região. Queremos chegar à produção de 250 mil mudas", diz. O projeto começou em março de 2004.

jornal ceris-incra janeiro.pmd 3 21/1/2005, 18:35

Cultura, ousadia e trabalho marcam 20 anos da Lagoa do Mineiro

FOTOS ADRIANA SANTIAGO



Viveiro de caju anão, um dos maiores do Ceará. Cada muda enxertada rende R$0,10 ao assentado.

Seis de janeiro. Dia de Reis. A homenagem festeira ao dia de Reis abençoa o trabalho dos moradores do Assentamento Lagoa do Mineiro.

Neste dia de folia noturna, a manhã vai terminando com o desempenho de várias funções pelos trabalhadores. Estão embaixo do sol forte, que aquece a região entre o sertão e o litoral norte do Ceará.

Através da luta pela terra iniciada em 1985, por mais de 150 famílias, o Assentamento conquistou uma sólida estrutura construída pelos moradores no interior de Itarema, município a 220 km de Fortaleza.

POR DANILO PATRÍCIO E ADRIANA SANTIAGO

Antes de chegar à cidade de Itarema uma estrada de chão batido de 32 km é o fio para Corrente, localidade sede de seis povoados: Cedro, Barbosa, Córrego das Moças, Lagoa do Mineiro, Saguim e Mineiro Velho. O início do caminho amarelo é logo rodeado pela imensidão verde das folhas de caju. No adentrar para a Sede, vai se percebendo as diferentes fontes de riqueza espalhadas pelos 5.780 hectares do Assentamento.

Dos roçados despontam pés de feijão e de milho. Nas capoeiras, as cabeças de gado são conduzidas pelos vaqueiros que não as tangem mais para um dono, mas para eles próprios, ou seja, para todos. Pelas veredas passam os animais miúdos: cabras, porcos, ovelhas. E os menores ainda, como as aves. As cancelas ao lado da estrada central são as portas de entrada para as muitas casas-de-farinha existentes no Assentamento.

A subsistência é complementada com a pesca e com a venda de produtos artesanais e alimentícios, como o mel de abelhas. O caju e o coco são comercializados em grande escala. Impulsionam grandes projetos no local, envolvem várias famílias e são responsáveis pela maior parte da renda, revertida para a comunidade.

A marca da coragem: "somos o que ousamos ser"

A frase está estampada no alto da cozinha da cooperativa do Assentamento. Ela sinaliza o tom das conquistas presente no local. Fundada em abril de 1991, por 153 famílias, a Cooperativa de Produção Agropecuária da Lagoa do Mineiro (COPAGLAM) é o lugar central de organização política e econômica do Assentamento. Atualmente, 135 famílias estão cadastradas pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra), com outras 83 agregadas.

Dia de Reis é feriado diferente nessas bandas do sertão. Além do trabalho no campo a meio sol (meio expediente), alguns moradores aproveitam a data para realizar uma reunião com a nova gestão do município sobre a comercialização da próxima safra. Diferentemente dos preconceitos disseminados, o Assentamento abastece boa parte da cidade com produtos, incluindo a alimentação escolar.

A Prefeitura de Itarema compra, por exemplo, parte da produção de coco da Lagoa do Mineiro. Outra quantidade é vendida a uma empresa de beneficiamento de leite de coco na vizinhança. A produção de coqueiro é totalmente coletiva. A cada dia da semana uma das sete comunidades é responsável pela manutenção do plantio.

Preparo e organização da comunidade fizeram da COPAGLAM uma das maiores produtoras de mudas do Ceará

Com a Embrapa e o Incra e o Sebrae

Além da água de coco, as honrarias às visitas também são prestadas com saboroso suco de caju, puro. O projeto de cajueiros foi iniciado em 1992 com tecnologia desenvolvida pela Embrapa. É hoje o principal filão de renda no Assentamento. A safra chega a 65 mil mudas de cajueiro normal, contando ainda com a experiência de cajueiro anão precoce. A assistência técnica e a capacitação dos moradores são feitas por técnicos e agrônomos, mantidos atualmente por um convênio da COPAGLAM firmado com o Incra e o Sebrae.

O sistema de enxertia (introdução de parte viva de um vegetal em outro) é o método utilizado para melhoramento da produtividade. Um trabalhador devidamente capacitado no Assentamento recebe R$ 0,10 por cada muda de caju enxertada. Cada um enxerta, por dia, entre 350 e 500 mudas. As plantas são vendidas para todo litoral norte e são escoadas para um mercado que vai até as proximidades de Fortaleza. O doce, a rapadura, a castanha e o vinho de caju são alguns dos derivados do produto que enriquecem a mesa dos moradores locais.

O nível de preparo e a organização da comunidade fizeram da COPAGLAM uma das maiores produtoras de mudas do Ceará. Além do caju, são aproveitadas variedades que podem ser plantadas em consórcio. Manga, nim, leucena e pau brasil são algumas das variedades plantadas para fins diversos, como combate a pragas do campo, na venda para empresas, e arborização, na comercialização com as Prefeituras da região.

Casa de Farinha comunitária. Comunidade do Córrego das Moças

jornal ceris-incra janeiro.pmd 4 21/1/2005, 18:35

Toda criança está na escola

Assentamento é pioneiro na erradicação do analfabetismo na região

"Toda criança daqui tá na Escola". Esta é a frase de orgulho e dignidade que ecoa nos cantos da Lagoa do Mineiro. Os alunos contam com ensino no assentamento até a 7ª série do 1º grau. Em seguida, são transportados até a cidade para dar continuidade aos estudos em um ônibus adquirido pela cooperativa através da venda de um caminhão. Em vez de pagar a terceiros para a condução, a Prefeitura contratou o ônibus da própria comunidade. A proposta atinge também os adultos do lugar. As atas das reuniões mais recentes mostram as assinaturas dos recém alfabetizados. Nas primeiras reuniões, a maioria das assinaturas era através de impressão digital.

Da impressão digital ao diploma

Aratuba e Itarema foram os dois municípios cearenses que oficialmente erradicaram o analfabetismo em 2004. No caso do primeiro, os dirigentes da Cooperativa de Lagoa do Mineiro lembram que o programa de erradicação do analfabetismo foi iniciado no Assentamento. A alfabetização foi paulatinamente preenchendo as diferentes necessidades dos moradores: assinar o nome, ler a conta de luz, escrever cartas e até produzir textos maiores, na vontade de contar as Histórias do Assentamento. Os passos mais longos já foram dados por onze pessoas, que cursaram 3º grau em Itarema e tornaram-se os primeiros pedagogos da Lagoa do Mineiro. Saltaram da impressão digital para o diploma.

Louvores de Festa dos Reis

O Reisado tem influência do Boi Bumbá, ligado ao folclore cearense, baseado na figura do vaqueiro

Ivaniza Nascimento é filha de Francisca Louvado, uma das precursoras da luta pela terra em Lagoa do Mineiro. É a atual presidente da Cooperativa local, primeira no cargo entre as mulheres. Na companhia da mãe, organiza a festa na noite de Reis. Em seis de janeiro inicia-se uma festa popular que "se estira até quase o final do inverno (junho)". No alpendre das casas ou no meio do terreiro, os povoados ribeirinhos e praieiros animam-se com a dança do Rezo, assim batizada na região.

Celebrações reafirmam a memória da luta

A festa do dia de Reis é marcada para a casa de dona Francisca Louvado, casada com Mestre Augustinho de Souza, puxador da folia juntamente com o Mestre Pedro Jorge. Antes da festa, os visitantes batem ponto em farta cozinha. Em seguida, hora de assistir aos dramas na Igreja, que fica ao lado da casa dos Louvado. A Igreja de Nossa Senhora da Libertação funciona como espaço social da comunidade. Além das preces, celebrações, cânticos que afirmam a memória de luta, lá acontecem as reuniões, os cursos e outras atividades de mobilização. Uma dependência foi construída por trás da capela com a função de abrigar profissionais que auxiliam a comunidade, como os professores.

Com o pedido de licença à dona da casa, sanfona, zabumba e triângulo integram-se aos brincantes fantasiados de caretas, como novos personagens medievais. O Rezo começa no alpendre – varanda da residência - após ser descortinada a faixa imponente: "Lagoa do Mineiro: Luta, Arte e Cultura na Reforma Agrária".

Depois de um intenso sapateado, os brincantes tomam conta da frente da casa, somando personagens fantásticos como a Velha Animada e o Jaraguá. Comentários da atenta platéia.

Seu Augustinho anima a festa com sua sanfona

Paqueras, risos, crianças eufóricas. Em pouco tempo, o terreiro está tomado por gente de toda a vizinhança. Os animais: o bode, a burra e o principal deles, o boi, que dança por quase duas horas. Boi que cumpriu papel desbravador durante o povoamento. Agora dançante. Enfeitado caprichosamente pelos moradores, carrega desenhados na fantasia os símbolos da comunidade: o coco, o caju, a jangada, o sol, a lua e o coração de uma gente com sonhos iluminados, na construção diária para torná-los realidade.

Vidas transformadas

Seu Santana: "os filhos cresceram mas não querem sair daqui"

A vida já foi muita mais dura para este enxertador de caju

Seu José Santana mora no Cedro, com um roçado perto do mar. Mas já morou perto da miséria. O tronco da família Santana na região fica na vizinha Batateira, onde hoje funciona uma grande empresa de extração de coco.

Na sede do Assentamento, Seu Zé Santana faz cortesia aos visitantes ao manusear o facão, no corte do coco para servir água saborosa. Puxando pela memória, lembra que "patrasmente trabalhava no setor de gado (bovino)". Conta da chegada na Fazenda, em 1973, quando a mesma vivia sob as ordens do Padre Aristides.

Do arrendamento às terras coletivas

Naquele tempo não se lutava somente com o sol. O contrato rezava que o trabalho nas terras tinha que ser pago com uma parte da produção, definida previamente pelo proprietário. Era o arrendamento, regido normalmente pela meia, quando a produção era dividida pela metade entre o trabalhador e o então dono das terras, hoje coletivas. E se os tempos não fossem bons? Tinha que pagar nem que fosse com os animais de serviço: cavalo, burro e jumento. "Inda tinha que afuturar (comprometer-se) que no próximo ano ia fazer de novo", lembra Seu Santana.

Nos tempos de agora, a coisa mudou de figura: "Inverno (período de chuvas) mais pouco dá mais fraco, mas tem que dá. Num saímo ainda nem um ano sem nada". Agricultura, pecuária... "No tempo da rivulução (luta pela terra), pelo ano de 85, a coisa começou a melhorar." A família Santana foi aumentando. Mas Seu José sofreu um acidente no trator, na lida com a terra. "Mudificou um pouco as força do corpo", diz. Arranjava-se jeito para a vontade de trabalhar. E Seu Santana começou nova profissão. Foi ser enxertador de caju.

A coisa revigorou no verde do viveiro, como modestamente comemora: "A gente vai arrecadando mais uma coisinha". Na casa dos Santana, foram gerados sete filhos. Quatro ainda moram na mesma morada. Três já se casaram, mas não debandaram. Moram encostados do Seu José. Já são agregados. "Gostam daqui e num têm vontade de sair".

jornal ceris-incra janeiro.pmd 5 21/1/2005, 18:35

Cooperativa debulha o trigo e distribui o pão

Os benefícios atingem crianças, adultos e velhos nos assentamentos e cidades vizinhas

FOTOS MARIO CAMARGO

Crianças mostram produtos do assentamento

"Debulhar o trigo / Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão / E se fartar de pão
Decepar a cana / Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel / Se lambuzar de mel
Afagar a terra / Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação / E fecundar o chão"

POR MARIO CAMARGO

A canção de Milton Nascimento traduz o resultado do trabalho desenvolvido pela Cooperativa Agrícola Vitória (COPAVI), no Paraná. No assentamento, do trigo se faz o pão, da cana se faz o açúcar e os desejos da terra são atendidos com carinho.

Quando se chega à Paranacity vê-se fartura, liberdade e simplicidade. Não há casas grandes, carros do ano e outros objetos de desejo comuns da sociedade de consumo. Percebe-se, porém uma qualidade de vida invejável. Os alimentos são da melhor qualidade. Desde cedo as crianças aprendem o valor da terra, de onde vão tirar o sustento daqui alguns anos.

A renda de uma família com três pessoas trabalhando chega a R$ 850,00 ao mês. Com algumas diferenças importantes no custo de vida. Todo o alimento é repartido entre os cooperados. Não se paga por isso. Não há custo de água, aluguel. Os produtos industrializados como queijo, por exemplo, são adquiridos pelos moradores a preço de custo.

Depois de 11 anos assentadas, 25 famílias do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-Terra produzem uma série de produtos agrícolas e ainda industrializam leite, frutas e mantêm uma padaria no assentamento. A mais nova aposta desse grupo de trabalhadores rurais é a exportação. Para conhecer um pouco mais sobre essa experiência bem sucedida é preciso voltar no tempo. Mais precisamente a 19 de janeiro de 1993.

Hoje, os resultados

Em janeiro de 1993, 16 famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra ocuparam a Fazenda Santa Maria, no município de Paranacity. Eram famílias de várias regiões do estado que já tinham participado de outras ocupações. Agora apostavam numa nova proposta no noroeste do Paraná: a criação de uma cooperativa. A área de 98 alqueires, desapropriada pelo Incra em 1988, servia para o plantio de cana-de-açúcar para uma usina da região.

Ao chegarem na fazenda acamparam sob dois pés de manga. Não demorou e a polícia chegou. Mas a conversa foi tranqüila e as famílias puderam erguer suas barracas de lona preta.

O conflito maior estava por vir. De início a cidade rejeitou a chegada do MST. A área ocupada havia sido prometida por políticos locais a algumas famílias do próprio município. Essas famílias ameaçaram invadir a fazenda para retirar os Sem-Terra à força.

Nessa época o prefeito, José Bonifácio Mourão, o Zeca Mourão, teve que intervir para minimizar o conflito. O prefeito confessa que ele próprio não tinha consciência sobre Reforma Agrária. "Primeiramente falar em Sem-Terra, em Reforma Agrária naquela época era bicho papão. Era algo assim assustador. E para complicar ainda mais esse entendimento, esse conceito de Reforma Agrária distorcido, ocorria que nós tínhamos aqui um pessoal do município preparado para entrar nessa área. A bem da verdade, eu tinha que ficar do lado dos locais. A minha situação era muito delicada. Eu intervim e disse aos trabalhadores de Paranacity que assim como eles tinham família e filhos, os Sem-Terra também tinham. E que as necessidades deles eram as mesmas". O prefeito da época mostrou aos moradores de Paranacity que os dois lados sairiam perdendo.

Os produtos industrializados são adquiridos pelos moradores a preço de custo

Vantagens para a cidade

Depois de 11 anos em Paranacity, a Cooperativa Agrícola Vitória está completamente integrada à vida da cidade. O ex-prefeito Zeca Mourão conta que até mesmo os fazendeiros mudaram seu jeito de tratar a terra. "Quando o pessoal da Copavi aqui chegou havia uma grande dificuldade para se arrendar um pedaço de terra. Com a chegada da Copavi ocorreu o seguinte: com medo da área deles ser invadida, não falavam ocupadas, falam invadidas, eles decidiram arrendar terra. Terra para plantar mandioca, algodão e principalmente cana. Isso contribuiu não só para o município, mas para toda a região. Arrendando terra o que aconteceu: criou-se mão-de-obra no campo".

Organização garante os resultados

A organização é uma das razões do sucesso do assentamento. As tarefas são divididas e em grupos. As principais decisões são tomadas de maneira coletiva. Não há lotes para cada família e o resultado da produção é dividido entre todos. Há grupos que cuidam da produção, outros da venda, outros da subsistência e outro que cuida da área social.

De segunda à sexta-feira, o café da manhã e o almoço são coletivos, servidos no refeitório do assentamento. O jantar e a alimentação dos finais de semana são feitos em casa para que se respeite o momento da família. O refeitório também.

Estufa garante mudas de sementes para comunidade

jornal ceris-incra janeiro.pmd 6 21/1/2005, 18:35

A Copavi, agora, quer exportar

Hortaliças e ervas medicinais

A Copavi quer conquistar novos mercados e aposta na exportação de alguns produtos. A aguardente produzida ali espera apenas o resultado do registro da Receita Federal. O Ministério da Agricultura já liberou o produto para a exportação. Tanto a cachaça quanto o açúcar mascavo, produzidos sem agrotóxico, têm boa aceitação no exterior.

Já existe um acerto com a Espanha para o mês de fevereiro para a compra de 2 mil quilos de açúcar e 2400 garrafas de aguardente. O assentamento mantém ainda contatos com a França e Estados Unidos. Um grupo de norte-americanos fará uma visita à cooperativa ainda neste primeiro semestre para conhecer a experiência do assentamento e quem sabe fazer negócios.

Assentados têm produção diversificada

Entre plantas, animais e produtos industrializados é quase possível preencher o abecedário com a variedade dos produtos do assentamento Santa Maria.

Abacate, abóbora, açafrão, acerola, alface, almeirão, ameixa, amendoim, açúcar mascavo

Banana, banana-passa, batata, batata doce, berinjela, beterraba, biscoitos, bolachas, bucha

Cana-de-açúcar, cachaça, cebola, cebolinha, cenoura, cuca.

Doce leite

Erva-doce, ervilha

Feijão, frango.

Galinha, Galinha de Angola, Ganso, Goiaba

Hungrias (biscoito de origem húngara)

Iogurte

Jaca, Jiló.

Laranja, leitelimão, louro.

Mamão, mandioca, manga, manjericão, melado, melancia, melão, mexerica, milho.

Ovos.

Pão, peixe, pimentão, peru, porco.

Queijo, quiabo

Salsinha

Vaca.

Vagem.

Distribuição dos produtos

Os produtos da Copavi, preferencialmente, são distribuídos diretamente ao consumidor. Através de uma Kombi diariamente os produtos chegam à mesa dos moradores de Cruzeiro do Sul e Paranacity. Além disso, a produção é vendida em feiras de quatro cidades da região. Alguns produtos industrializados, como o açúcar mascavo são distribuídos em lojas de produtos naturais de Maringá, Curitiba e outras cidades do Mato Grosso do Sul. Além disso, alguns produtos são vendidos nas lojas da Reforma Agrária em Ribeirão Preto, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba.

ENTREVISTA COM CHICÃO

A luta pela terra e pela vida

Todas as famílias assentadas em Paranacity têm um histórico de luta pela terra. Um histórico de amor por aquilo que fazem. Francisco Strozaki, o Chicão como gosta de ser chamado, é um desses guerreiros pela distribuição de terras e de riquezas em nosso país.

REPÓRTER DA TERRA - Há quanto tempo o senhor participa da luta pela terra?

Chicão – Desde 1985. Eu morava na cidade de Guaíra. Na época trabalhava na Eletrosul, que estava construindo uma barragem. Depois suspenderam o serviço da barragem e a gente passou a trabalhar de bóia-fria. Através dos padres a gente acabou conhecendo o Movimento Sem-Terra. O primeiro trabalho completo foi para ocupar uma fazenda em Cascavel. Mas aí quando chegamos no entroncamento que saía do asfalto para a fazenda tinha mais de 30 viaturas da polícia. Aí acabamos acampando lá mesmo que era na Vila Góes. Foi ali que começou minha luta pela terra.

RT - E esse acampamento deu certo?

Chicão - Sim, porque a grande maioria das famílias acabou sendo assentada. Daquele acampamento há famílias em vários assentamentos em várias regiões do estado.

RT - O senhor tem filhos?

Chicão - Sou pai de oito filhos. Tem uma filha que morreu num acidente de carro, que é a Salete. Hoje tenho sete filhos, quatro netos e minha companheira, dona Elzi.

RT - Nesse primeiro acampamento vocês ficaram muito tempo vivendo sob a lona?

Chicão - Ali tinha problema de água, problema de lenha. Daí uma parte do acampamento acabou indo para Guarani Açu, no Mato Queimado. Naquela época também foi feito um acampamento em Curitiba em frente ao Palácio Iguaçu. Então eu e minha família acabamos indo para lá. Aí depois foi em 1992, o movimento descobriu que aqui em Paranacity tinha uma área que era da União, que já tinha imissão de posse, mas que quem estava explorando era a usina. Foi feito um levantamento das famílias que topavam vir para cá.

RT - Como foi sua chegada em Paranacity?

Chicão - Foi tranqüilo. Veio um pessoal da região central, da região de Cascavel e Guarapuava. Da região norte só veio minha família. Depois começamos a trabalhar, prestar serviço fora porque toda a fazenda era coberta de cana, começamos a prestar serviço de bóia-fria, de vários serviços e daí começamos a passar a ser conhecidos e reconhecidos pelo trabalho bom que nós prestávamos. Matriculamos as crianças na escola. E também um grande reconhecimento veio através do esporte.

RT - Nesses anos todos, qual a imagem mais bonita que o senhor guarda na lembrança?

Chicão - A lembrança mais bonita que a gente tem é quando sai uma terra, uma imissão de posse e legaliza a companheirada. Outra coisa é quando, às vezes é preciso ocupar uma fazenda. A companheirada se organiza e entra três quatro ou cinco mil pessoas para dentro de uma fazenda e se estabelece e começa a trabalhar e a produzir.

RT - O senhor acha que se continuasse em Guairá sua vida seria melhor?

Chicão - A gente veio para a luta pela terra, a família acompanhou. Todos os filhos estudaram. Eu tenho um filho formado em Direito. Tenho uma filha formada em Pedagogia e os outros conseguiram fazer o segundo grau. Tem alguns que continuam estudando, fazendo faculdade.

RT - Qual o seu principal objetivo agora no assentamento?

Chicão - É manter a família unida. Temos sempre que estar trabalhando para que se mantenha esse projeto e avance cada vez mais, seja no social, no econômico. O sonho que a gente tem é a transformação da sociedade. Que um dia no Brasil não haja nem exploradores nem explorados.

jornal ceris-incra janeiro.pmd 7 21/1/2005, 18:35

Construção de casas em autogestão é referência no Estado

Ribeirão Preto colhe os frutos do planejamento do uso do solo nos assentamentos

"Sempre sonhei com uma casa pra morar e um alpendre bonito para encher de plantas."

POR BETHÂNIA LIMA E CIDA RAMOS

FOTOS CIDA RAMOS

Casa é resultado da organmização dos trabalhadores

Ana Zilda de França tem 39 anos. Mora no Assentamento Maria da Paz, localizado no município de João Câmara, com o marido, Antônio Bento, 55, e seus três filhos, Flávio, 18, Francisco, 15 e Ana Hélia, 16. Dona Zilda é uma das poucas mulheres no trabalho de construção das casas do assentamento. Um projeto de autogestão, ou seja, organizado pelos próprios assentados, que é referência em todo o Rio Grande do Norte.

Logo cedo, ela começa o trabalho como ajudante de pedreiro, preparando o cimento e o repasse da massa para os companheiros que estão levantando as casas. Dona Zilda participa da construção desde a fase de demarcação dos terrenos, há cerca de um ano, e diz que a concretização de um sonho antigo está cada dia mais próximo: sua casa já foi levantada e agora ajuda na construção das restantes. "Sempre sonhei com uma casa pra morar e um alpendre bonito para encher de plantas. Estou ansiosa para ver todas as casas prontas para começar a criar vários animais no quintal e melhorar ainda mais a situação da minha família", diz.

O Assentamento Maria da Paz, regularizado em 13 de março de 2002, tem 45 famílias. Fica na estrada entre João Câmara e São Bento do Norte, numa região onde várias outras fazendas foram desapropriadas para fins de reforma agrária, como a Marajó, Modelo e Brinco de Ouro. O município, com cerca de 30 mil habitantes, está a 75 quilômetros de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Homens e mulheres construindo as suas casas

Auto gestão, arquitetura e Reforma Agrária

No sistema de autogestão, todas as decisões são tomadas em assembléias pelos assentados. Desde a escolha dos locais para os lotes e a agrovila, à compra do material até a construção das moradias que eles mesmos fazem. Segundo a professora do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Amadja Henrique Borges, coordenadora do projeto, o assentamento está dividido em núcleos de famílias e essa decisão foi um dos aspectos observados na hora de identificar os lotes de trabalho e no local das casas.

O projeto arquitetônico das casas se diferencia das tradicionais agrovilas do Estado. Destaca-se pela beleza exterior e o conforto e harmonia interior. O projeto leva em conta as características da região semiárida: a agrovila é construída em formato de X. Assim, as casas ficam mais protegidas do sol.

Para aplicar a metodologia participativa no assentamento, foram realizadas muitas reuniões com a comunidade, técnicos e dirigentes em todas as suas etapas e instâncias de decisão. O tipo do habitat, por exemplo, foi alterado. As casas inicialmente não teriam alpendre, mas a partir da solicitação dos moradores, este foi acrescentado.

No sistema de autogestão, todas as decisões são tomadas em assembléias pelos assentados

Casas, produção e meio ambiente

O esforço para a conclusão das casas antes de iniciar o inverno demonstra que a força de trabalho deverá se voltar para a agricultura, para que a subsistência das famílias fique garantida. Até as atividades, como a prática de esporte, estão suspensas para que os jovens e adultos se mobilizem para as construções das residências. Segundo Zé de Bino, todos reconhecem a importância da participação das mulheres nas atividades distribuídas pelo assentamento. Foi um consenso para a composição da coordenação do assentamento a presença de quatro homens e quatro mulheres.

Zé de Bino destaca a importância das parcerias para garantir as melhorias na vida das 45 famílias do Assentamento. "Pretendemos ter um dessalinizador para melhorar a qualidade da nossa água e formar as pessoas através de cursos", comenta. A UFRN e o Incra são algumas das parceiras já encontradas para garantir os investimentos.

jornal ceris-incra janeiro.pmd 8 21/1/2005, 18:35

HERANÇA

Fincando os pés na terra

Do campo para a cidade e de volta para o campo

Zé de Bino

José Matias de Souza, de 51 anos, é um dos coordenadores do Assentamento Maria da Paz. Mora com a companheira, Maria, e dois filhos desde os primeiros dias do assentamento. Seu Zé de Bino, como é mais conhecido, está feliz com a construção das casas para surgimento da agrovila. "Acho muito bom estarmos com um projeto que é referência para o Rio Grande do Norte".

A relação de seu Zé de Bino com o local vem de longe. Ele morou com sua família quando era criança, entre 6 e 10 anos, na antiga Fazenda Buraco Seco, que hoje é o assentamento. "Passei a infância trabalhando aqui. Depois de 40 anos volto pra cá como membro da comunidade, isso pra mim é um grande orgulho", emociona-se.

Ele conta que nunca saiu da Região de Mato Grande. A fazenda onde vivia, hoje é também um assentamento. Depois, na cidade, trabalhou junto com a sua Maria, como ambulante. Em 2001, aderiu ao Movimento Sem Terra, com o sonho de voltar para a zona rural.

"Eu vinha do Centro, com minha esposa quando vi uma grande multidão em frente a um ginásio em João Câmara. Era uma reunião do MST. Entramos lá para ver o que estava acontecendo e nunca mais saímos do movimento", lembra. Daí ele, passou a participar das reuniões de trabalho de base, convidando as pessoas para a luta pela reforma agrária.

Depois de 40 anos volto pra cá como membro da comunidade

Zé de Bino é um dos moradores mais antigos do Assentamento Maria da Paz.

EDUCAÇÃO

Abrindo as janelas das palavras

Maria de Lourdes

À luz de um lampião, Maria das Graças Ferreira de Souza dá aulas para os adultos do Assentamento Maria da Paz, todas as noites. Ela conta que os alunos vêm para a escola com uma única preocupação: aprender a escrever o nome. Então, Maria começa por aí, ensinando a cada um e a cada uma as letras de seu próprio nome, para depois falar das outras palavras do cotidiano. "Se chega uma porta e uma janela nova no assentamento, então ensino como se escreve essas palavras", diz Maria.

"Se chega uma porta e uma janela nova no assentamento, então ensino como se escreve essas palavras".

A escola está em funcionamento há um ano e, além das aulas para os adultos, tem aulas de 1ª a 4ª série, à tarde. Na Ciranda Infantil, as crianças de 3 a 6 anos brincam, cantam e escutam histórias durante a manhã. As famílias estão inscritas no Programa Bolsa Escola do Governo Federal.

Todas as noites, cerca de 30 jovens da comunidade pegam o ônibus da Prefeitura Municipal para ir estudar na cidade. Dentre eles, está Maria Aparecida dos Santos França, de 15 anos, que estuda a 7ª série e é uma das professoras da Ciranda Infantil. "

O coordenador de educação do assentamento, Aroldo Nascimento, diz que este ano, será finalizado o projeto político-pedagógico da escola. "Queremos fazer um trabalho que envolva todos os membros da família", afirma. Aroldo, também mora no assentamento desde a ocupação e cursa Pedagogia na Escola Agrícola. Diz que a falta d´água, por exemplo, pode ser problematizada na escola e a partir daí, toda a comunidade, estudantes, pais, técnicos e dirigentes, deveriam se organizar para tentar solucionar a questão. "É uma forma de educar e se organizar por melhores condições de vida no assentamento", enfatiza.

JUVENTUDE

É forte o envolvimento com a comunidade

"No momento estamos envolvidos com a conclusão das casas para nossas famílias"

Criar oportunidades para a inserção da juventude na vida do assentamento é uma das preocupações do Grupo de Jovens, composto por 20 integrantes. Também existe a determinação para promover as melhorias na área em que moram. Por isso, a juventude também está inserida na etapa de construção das casas. "No momento estamos envolvidos com a conclusão das casas para nossas famílias", diz Josivânia de Souza, Mocinha, 16 anos. Com reuniões quinzenais, o grupo debate geração de renda e emprego, questões ligadas à saúde, conquistas de espaços e organização.

jornal ceris-incra janeiro.pmd 9 21/1/2005, 18:35

Ribeirão Preto tem modelo de assentamento rural

"Na cidade a alternativa é ser um sem-teto, como eu era, ou morar na favela".

fotos Douglas Mansur

Maria Aparecida na lida com o filho e o genro.

Na área de 797 hectares da Fazenda Santa Clara, em Serra Azul, a 36 km de Ribeirão Preto (SP), há um novo cenário em construção. Antes tomado pela cana-de-açúcar, o local dá lugar a uma paisagem transformada constantemente por 47 famílias que fazem parte do Assentamento Sepé Tiarajú. Outras 33 famílias são esperadas no assentamento, uma vitória conquistada após cinco anos de luta.

Entre as casas improvisadas, encontramos plantações orgânicas de milho, mandioca, feijão, abóbora, quiabo, frutas como o maracujá, goiaba, e muitos animais: porcos, vacas, galinhas, coelhos, bodes, codornas, perus. Na estrada principal que corta o assentamento, cenas típicas de uma tarde quente e bastante ativa: trabalhadores circulam com enxadas, organizam suas moradias, conversam com os vizinhos, crianças empinam pipas. Cachorros e gatos transitam pelo Assentamento dividindo democraticamente o espaço.

Um longo caminho

A história da luta pelas terras da Fazenda Santa Clara incluiu despejos, violência policial, muito temor e ansiedade, até que em junho de 2003 a área foi comprada pelo Incra por R$ 5,5 milhões. Antes do uso social, ainda sob o comando da Usina Nova União, a terra foi palco de trabalho escravo indígena, como conta Fábio Henrique da Silva Costa, da coordenação regional do MST e um dos assentados da área.

Hoje, as 47 famílias são protagonistas de um novo modelo de assentamento montado em parceira com o Incra, calcado na posse coletiva da terra e na agroecologia. O Sepé Tiarajú está localizado a 30 km do maior pólo do açúcar e do álcool do mundo, onde predominam o latifúndio e a monocultura da cana-de-açúcar. O Assentamento fornece produtos orgânicos e saudáveis à população de Ribeirão Preto, contrapondo-se à produção de alimentos que utilizam agrotóxicos. Em 2004, o MST, por duas vezes, distribuiu na cidade oito toneladas de alimentos produzidos no assentamento.

Messias Lara, assentado, diz que a presença dos assentamentos vai reverter a tendência de expulsão dos trabalhadores da terra. Esta foi causada pela mecanização nos latifúndios desde a década de 70, e aumentou a violência em cidades como Ribeirão Preto. O assentamento conta com o apoio da Igreja Católica, de promotores públicos, professores universitários, representantes de organizações não governamentais, advogados.

Um novo modelo coletivo

Sem agrotóxico ou desmatamento e com equilíbrio ecológico

O chamado Modelo Roda D´Água ou Raio de Sol, implantado no Sepé Tiajurú, consiste na formação de quatro núcleos ou agrovilas com os nomes de Dandara, Zumbi, Chico Mendes e Paulo Freire. Cada família recebe nove hectares de terra: três destinados ao uso individual, três à produção coletiva do núcleo e outros três à produção coletiva do assentamento. Com a posse coletiva, o MST quer evitar a venda de terras.

"A produção coletiva será a fonte de recursos para garantir a implantação e funcionamento da associação dos trabalhadores, pagamento de crédito, investimento na área agroindustrial e construção de prédios na área educativa", explica Fábio Henrique, do MST. Hoje o assentamento produz 400 sacas de feijão, 1.500 quilos de milho e 150 toneladas de mandioca por safra, além de outros alimentos.

Os trabalhadores assinam um termo em que se comprometem a não utilizar agrotóxicos ou desmatar indevidamente. Até a preservação de insetos é uma das condições para manter o equilíbrio ecológico. Todas as famílias serão vinculadas a uma associação-mãe que irá organizar e gerenciar a produção, explica Kelli Mafort, da coordenação estadual do MST.

jornal ceris-incra janeiro.pmd 10 21/1/2005, 18:35

Planejamento do uso do solo é prioridade dos assentados

Participação das famílias em todas as suas etapas da ação: da produção à ecologia

O planejamento topográfico diminui o custo da implantação da infra-estrutura (energia elétrica, canalização de água, criação de estradas). Ele permite maior interação entre as famílias e maior facilidade de acesso ao local de trabalho, já que as casas ficam próximas às áreas de plantação.

Enquanto aguardam a divisão da área, as famílias cuidam de suas moradias e de suas plantações. Planejam o uso da terra e se agrupam em projetos afins. Em várias casas há placas anunciando a venda de milho, feijão e outros alimentos.

Próximas etapas: garantir energia elétrica, água canalizada e assistência técnica

Maria Pedro de Souza, de 47 anos, que veio de Pernambuco, conhece bem a importância do novo modelo. Seu pai morreu envenenado quando trabalhava na colheita de algodão, no Paraná. "Minha mãe, grávida de oito meses, por desgosto e sofrimento, perdeu o filho".

Fábio anuncia as próximas etapas de estruturação do assentamento: garantir moradia, energia elétrica, água canalizada e assistência técnica. O assentamento vai contar com uma sede para a associação, uma escola de 1ª a 5ª série e um centro comunitário para reuniões e eventos culturais.

Uma história de enfrentamentos

Antes de ocupar aquela área, em 2000, os trabalhadores enfrentaram uma história de resistência nos acampamentos de Matão e Barretos. "O acampamento Dom Helder chegou a ter 1200 famílias. Destas, 300 se mudaram para Barretos e hoje só nove resistiram e estão assentadas aqui", lembra Carlos Alves, o Carlinhos, um dos coordenadores do Sepé Tiarajú.

Enquanto a construção da escola não é viabilizada, as crianças estudam em Serra Azul. "Foi preciso fazer um trabalho de formiguinha, visitando a escola e esclarecendo para eles o trabalho do MST. Antes, muita gente torcia a cara pra gente", conta Carlinhos, sempre acompanhado por Breno, o mais novo dos três filhos.

Uma história de resistência

De Matão a Ribeirão Preto, Carlinhos sente orgulho dos dias difíceis que todos suportaram. Na luta pela terra, ele adquiriu gosto pelos estudos e conheceu a mãe de seu terceiro filho, Rosana.

Antes de aderir ao movimento, Carlinhos foi trabalhador rural e jogador de futebol, durante 12 anos, de times como o Matonense e Paranavaí. Antes a baixa escolaridade o impedia de conseguir emprego. Já terminou a 8ª série, freqüenta cursos e faz planos de concluir o ensino médio e cursar a faculdade de História.

A esposa, Rosana Nascimento de Paula, conta que nunca imaginou que, aos 27 anos, teria seu pedaço de terra, sonho que o pai não pôde realizar. "Na cidade a alternativa é ser um sem-teto, como eu era, ou morar na favela. Fui para o movimento após terminar meu casamento, pois meu marido me reprimia".

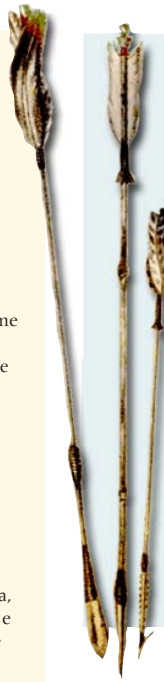
Carlinhos e sua família

"Fazemos tudo pelos filhos"

"Quero ajudar os outros companheiros a conquistar sua terra"

O artista plástico e poeta Jorge Teixeira da Silva, que teve uma poesia premiada nacionalmente pelo Movimento Sem Terra (MST), também encontrou sua companheira na luta pela terra. "O MST literalmente me salvou. Com um início de leucemia, fiquei internado durante 22 dias graças à ajuda do movimento". Hoje ele se divide entre o artesanato, o plantio de frutas como cereja, cajá e goiaba e dá aulas de pintura. "Quero ajudar outros companheiros a conquistarem sua terra. O movimento é cada um de nós". Outro artista do assentamento, Veríssimo Gomes foi quem construiu os móveis que mobíliam a Sabor do Campo, loja do MST em Ribeirão Preto.

Depois de enfrentar marchas de até 320 km durante 18 dias, Carlos Roberto da Rocha se emociona ao mostrar a marca nos tornozelos e os pés prejudicados na longa luta, iniciada em Matão. "É preciso ter esperança". Hoje, ele e a esposa plantam milho, abóbora, mandioca e quiabo e têm tempo de participar da vida de seus dois filhos adolescentes. "A gente faz isso tudo pelos filhos".



Sepé Tiaraju: "esta terra tem dono"

Sepé Tiaraju foi um líder da tribo dos guaranis que viviam na região dos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Tornou-se figura central na luta contra o Tratado de Madri, assinado entre espanhóis e portugueses. O tratado exigia a retirada da população guarani daquela região. Defendeu com a vida o direito à caça, pesca, plantio e habitação do povo guarani. Costumava dizer "Esta terra tem dono". Em 1756, foi morto pelos invasores europeus. Após sua morte, espanhóis e portugueses mataram cerca de 1.500 guaranis.

jornal ceris-incra janeiro.pmd 11 21/1/2005, 18:35

Pra quê Reforma Agrária?

Produzir alimentos, baratear custos da cesta básica e criar empregos

DOUGLAS MANSUR

Produção de milho e seus derivados

MARIO CAMARGO

Hortaliças e ervas medicinais...

MARIO CAMARGO

Criação de porcos, frangos...

MARIO CAMARGO

Sementes, mudas de plantas...

MARIO CAMARGO

Leite, manteiga, queijos...

MARIO CAMARGO

Produtos industrializados.

ENTREVISTA COM TIAGO ZOLI

"Estudar o MST me tornou menos egoísta"

O criador da logomarca do Programa Nacional de Formação nas Áreas de Reorma Agrária é um brasiliense de 21 anos que se apaixonou pelo Rio de Janeiro em uma viagem de turismo. Tiago Zoli deu asas ao coração, abandonou faculdade e família e mudou-se para a Cidade Maravilhosa em 2002.

Hoje, é estudante do quinto período de Publicidade & Propaganda, estagiário do CERIS e, ainda, encontra tempo para fazer seus trabalhos como produtor de eventos culturais e musicais.

POR CLARISSA RAMOS

REPÓRTER DA TERRA - Como foi o processo de criação do logo do projeto?

Tiago Zoli: Eu recebi algumas fotos de divulgação do MST e também li bastante sobre o tema. Procurei conversar com pessoas para poder me orientar e tirar minhas próprias conclusões.

O que eu quis mostrar, com a logo, foi um contraste entre o preto e branco e o colorido, representando uma nova visão da reforma agrária, para tentar eliminar a idéia de que ela seja sinônimo de guerra, bagunça, desorganização e invasão de terras produtivas.

As fotos em preto e branco representam as pessoas que reivindicam um pedaço de terra para viver e produzir, o alojamento, o assentamento e, enfim, pessoas que formam este povo. As coloridas representam a reforma agrária em si, com bastante cor, com imagens fortes, para passar o que o realmente acontece nos lugares em que se faz reforma agrária.

RT - Como você conheceu o tema da reforma agrária?

Tiago - Através da mídia em geral, mas me aprofundei a partir do momento em que fui convidado para apresentar uma proposta de logo para o Programa.

RT - Com o seu aprofundamento no tema, o que mudou?

Tiago - Passei a entender a luta dos movimentos de trabalhadores sem-terra e me posicionei a favor deles. Passei a ver que o movimento é muito prejudicado pela má administração do País e pela politicagem que favorece os grandes latifundiários. Enfim, há todo um espaço ocioso e mal aproveitado de terra, que poderia estar sendo cultivado por quem precisa e por quem tem experiência nisso.

Passei a ter outra visão sobre o tema, sobre o Brasil, sobre as lutas e disputas sociais internas e aprendi muito sobre a política brasileira. Passei a ter uma visão menos egoísta, como habitante deste país enorme e injusto, com tanta terra concentrada na mão de poucos.

RT - Como você avalia a divulgação da reforma agrária na imprensa?

Tiago - Não há nenhuma divulgação séria sobre o assunto no país, que diferencie as verdades e os mitos que rodeiam a reforma agrária e o próprio MST. O tema da reforma agrária é mal compreendido ou mal divulgado; o que só dificulta a realização desse processo no Brasil. As pessoas não conhecem os verdadeiros objetivos da reforma agrária, não têm idéia de todos os benefícios que ela traria para milhares de famílias.

RT - O que poderia ser feito para que as informações sobre a reforma agrária chegassem à população, sem distorções?

Tiago - É preciso desenvolver publicações e informes positivos e sérios sobre o assunto. Deveriam ser elaborados jornais, manuais ou até mesmo divulgadas matérias nos grandes meios de comunicação do país sobre o lado bom e verdadeiro da reforma agrária, para dar a chance de se conhecer, pelo menos, o outro lado da história. Somos muito influenciados pela mídia, pelo que lemos e vemos na tv, que é notadamente contra o movimento e o processo da reforma agrária no país.

É preciso desenvolver publicações sérias sobre o assunto

RT - Qual o significado de reforma agrária para você?

Tiago - Significa uma nova demarcação de território, reaproveitamento de terras improdutivas, utilização da terra como subsistência e sobrevivência de famílias rurais. Reforma agrária é a divisão de terras entre os que necessitam, de forma justa e humanitária, dando condições para que o povo possa viver com seus valores, cultura, sua história e consiga de volta sua dignidade.

Logomarca do Programa Nacional de Formação criada por Tiago Zoli

jornal ceris-incra janeiro.pmd 12 21/1/2005, 18:36